

DIALOGO ENTRE CIENTISTAS E LITERATOS NAS PAGINAS DA REVISTA DO INSTITUTO GEOGRAFICO E HISTÓRICO DA BAHIA 1894 a1899.

Ana Clara Farias Brito  
Mestranda em Ensino Filosofia e História das Ciências  
Universidade Federal da Bahia

Este texto tem como objetivo problematizar, ainda que de forma inicial, documentos que vem sendo levantados sobre o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Trabalhamos, de forma específica, com as primeiras edições da revista publicada pelo instituto baiano que datam de 1894, tentando perceber a imagem da Bahia que foi sendo delineada pelos intelectuais baianos com o objetivo de impulsionar o Estado a atingir a modernidade.

A pesquisa que se encontra em desenvolvimento no curso de mestrado em Ensino Filosofia e História das Ciências, tem como objeto central o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e procura dar destaque ao surgimento e desenvolvimento de uma instituição responsável pelo resgate e organização da história da Bahia que exerceu ainda um papel importante no ideal de civilização do Estado. Percebemos a instituição através dos personagens responsáveis por sua criação e divulgação de suas idéias e encontramos na revista publicada pelo IGHB, desde os anos iniciais de sua fundação, matérias e relatórios que a caracterizam como o principal instrumento de expressão da elite letrada que fazia parte da instituição. Neste sentido, destacamos neste texto alguns aspectos do material que já foi levantado sobre o periódico do Instituto, tentando perceber a imagem da Bahia que foi construída e divulgada pelos intelectuais do final do XIX com o objetivo de tornar o Estado moderno e civilizado.

A revista foi a principal forma de diálogo dos letrados baianos com instituições nacionais e sobretudo internacionais. A correspondência direta da Bahia com sociedades francesas, italianas, norte americanas, espanholas e até mesmo alemãs, indicava a necessidade de mostrar a grandeza da Bahia para o mundo sem o intermédio de outras instituições

brasileiras. Nas páginas das revistas são encontrados artigos que versam sobre temas variados, além de atas das reuniões que ocorriam na instituição e as ofertas de revistas, livros e objetos para o museu do instituto feitos por sócios e simpatizantes.

O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia foi criado em 1894 por um grupo formado de advogados, engenheiros, médicos, alguns membros da igreja, do exército e professores que após um ano de reuniões na residência do advogado Tranquilino Torres consegue fundar uma sociedade sólida com o objetivo de organizar e exaltar não apenas o passado da Bahia mais o seu presente e suas possibilidades de um futuro promissor.

Tal iniciativa em pouco tempo se tornará referência, agregando no espaço da sociedade grande parte da elite intelectual do Estado da Bahia e conquistando o apoio do governo local. Todavia, a assistência prestada pelo governo não significava submissão, tendo os membros da instituição total liberdade para criticar as iniciativas, ou melhor, falta de iniciativas do governo baiano no que diz respeito à condução do desenvolvimento do Estado. A proposta dos intelectuais do instituto era atuar como parceiros e apontar os caminhos que levariam modernização da Bahia.

As matérias que eram escritas por advogados e médicos denunciavam os aspectos que eles gostariam de enfatizar no Estado. Em nosso levantamento, percebemos que as notícias referentes à Bahia tratam de suas fortalezas<sup>1</sup>, dos limites entre a Bahia e outros Estados, trazem documentos sobre a fundação, nome e privilégio da cidade de Salvador<sup>2</sup>, verificam a posição geográfica, dimensão, população e clima do Estado<sup>3</sup> e ainda trazem notícias sobre explorações existentes no subterrâneo da cidade<sup>4</sup>. A abordagem feita revela a necessidade de conhecer melhor o Estado em seus aspectos físicos, seus limites, seus patrimônios, ou seja, levantar aspectos da Bahia que nunca foram percebidos. A Bahia ainda estava por ser descoberta, portanto, cabia aos letrados fazerem novas investigações sobre o Estado e não apenas publicar documentos já existentes.

---

<sup>1</sup> Revista do IGHB n.ºs 2, 7, 11.

<sup>2</sup> Revista do IGHB n.º 12.

<sup>3</sup> Revista do IGHB n.º 10.

<sup>4</sup> Revista do IGHB n.ºs 15, 17, 19.

No que se refere à descrição de municípios, o de Condeúba<sup>5</sup> foi o mais explorado suas memórias foram escritas pelo seu filho mais ilustre, o presidente do IGHB Tranquilino Torres que não economizou nas minúcias dedicando muitas páginas da revista para demonstrar a riqueza de sua terra. O Município da Vitória<sup>6</sup> do Prado e Poções e as chamadas “Ephermerides Cachoeiranas”<sup>7</sup> que contavam as notícias da cidade de Cachoeira também aparecem em forma de continuação em alguns números da revista. Tais artigos tinham como objetivo tornar público, as riquezas de localidades baianas até então desconhecidas.

Nas revistas pesquisadas, a descrição dos municípios era, em sua maioria, acompanhada de uma crítica ao governo baiano. Para Tranquilino Torres, os municípios da Bahia sofriam com a má administração permanecendo atrofiados devido à centralização das medidas do governo na cidade de Salvador, o que teria contribuído em muito com a letargia no desenvolvimento do Estado, uma vez que a riqueza e a variedade do solo e dos produtos sertanejos, poderiam estar sendo explorados através da criação de ferrovias.

Os objetivos de Torres iam além da simples exploração do território. Para o presidente do IGHB, a combinação da extração de produtos do solo com a disseminação da instrução pública obrigatória para a população sertaneja, poderia incentivar a criação de escolas agrícolas e zootécnicas na Bahia<sup>8</sup> salto importante no alcance da civilização do Estado. Tendo em vista a falta de investimento do governo baiano, cabia aos membros do Instituto Geográfico Histórico da Bahia fazer levantamentos sobre as riquezas naturais destes municípios e divulgar os resultados em sua revista de circulação internacional para tentar, sem o intermédio do Estado, conseguir parceiros em seu objetivo de desenvolvimento local.

A investigação dos anos iniciais da revista nos indica ainda quais foram às regiões mais investigadas e os aspectos da natureza que foram priorizados. Até o momento, os periódicos catalogados compreendem os anos de 1894 a 1899. Nestes cinco anos de existência do IGHB, a região do sudoeste da Bahia foi especialmente privilegiada na

---

<sup>5</sup> Revista do IGHB n°s: 4, 5, 7, 8.

<sup>6</sup> Provavelmente o atual município de Vitória da Conquista

<sup>7</sup> Revista do IGHB n°s: 17, 18, 19, 20.

<sup>8</sup> Revista do IGHB n° 3, pg 154.

descrição de seus municípios, todavia, referências a cidade de Cachoeira eram constantes, além de lembranças pontuais sobre a cidade de Santo Amaro e Alagoinhas. O rio São Francisco foi especialmente trabalhado em algumas edições da revista sendo destacado, entre outros aspectos, a navegação em seus afluentes e principalmente as estradas de ferro que estavam sendo feitas na região circunvizinha ao rio.

A partir do sexto número da revista, publicado em dezembro de 1895, foram crescendo as matérias sobre estradas baianas. Com o título de “Viagens e Explorações” o primeiro artigo trazia referências sobre a “Estrada do Prado a São Miguel de Jequitinhonha” no número seguinte foi escrita uma matéria sobre a “Estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco - inauguração da estação do Juazeiro”, continuando com as “Viagens e Descrições”, foram publicadas referências sobre a “Estrada Do Prado a São Miguel” e notícias sobre “A Bahia e o Território do São Francisco”<sup>9</sup> em referência a uma briga territorial entre Bahia e Pernambuco sobre o Rio São Francisco. O objetivo destes artigos seria destacar a existência de comunicação entre regiões baianas, aspecto importante no seu desenvolvimento.

No que diz respeito aos aspectos da natureza destacados no levantamento dos municípios, percebamos a atenção dada a fauna, flora, navegação e futuro comercial das localidades.

A riqueza natural dos municípios indicava o investimento financeiro que seria feito em cada uma delas. Na revista número cinco é publicado o noticiário que traz informações sobre um projeto pedindo a construção de um ramal prolongando a estrada de ferro da Bahia que partindo da cidade de Bonfim<sup>10</sup> vá a Villa do Mundo Novo<sup>11</sup> passando pelas localidades da Saúde, Jacobina e Morro do Chapéu. No mesmo número é publicada a decisão da comissão de obras públicas da Bahia que aprova o projeto, considerando as vantagens ao desenvolvimento da renda no Estado. Na fala de um dos membros da comissão, destacamos os elementos que ele priorizou como importantes para a aprovação do projeto:

---

<sup>9</sup> Revista do IGHB nº 8

<sup>10</sup> Atual cidade de Senhor do Bonfim

<sup>11</sup> Atual cidade de Mundo Novo

b) Considera que o ramal proposto vai atravessar uma zona de clima temperado e terrenos férteis onde poderão se estabelecer núcleos coloniais e imigrantes de qualquer país europeu (...) e que já tem uma desenvolvida cultura de cafeeiros que constitui a principal riqueza dos referidos municípios.

c) Considerando ainda que o ramal irá atravessar zona mais povoada e agrícola que a da estrada principal.

d) Considerando que o município de Morro do Chapéu é a mais importante feira de gado do interior baiano(..) e que irá facilitar o abastecimento de carnes para o Estado da Bahia e para os Estados limítrofes como Piauí e Goiás.

f) Considerando que a facilidade de comunicação é condição primordial para o desenvolvimento da produção e que as riquezas naturais, não poderão ser exploradas e a agrícola e pastoris aperfeiçoadas sem fáceis meios de transporte (...) <sup>12</sup>.

Dentre as várias justificativas apresentadas pelo membro da comissão de obras públicas, a idéia de que no Estado existiam zonas propícias para o desenvolvimento do café e portanto, favoráveis a imigração européia deixa transparecer que a Bahia procurava se desvincular da imagem de decadência, ainda arraigada no final do século XIX, mostrando que o Estado não era apenas o local de plantio da cana de açúcar e que o sudeste não era a única parte do país propício a imigração. Junto com as ferrovias, encontramos em algumas matérias escritas pelos sócios do IGHB, a necessidade do aprimoramento das indústrias a fim de explorar de maneira satisfatória as riquezas minerais de todo o Estado. O engenheiro Henrique Prager sócio que mais escreveu sobre o assunto destaca que:

“(..) hoje não pode mais ser explorada a indústria mineira por esforços individuais, só grandes companhias e associações são capazes de reunir os preciosos instrumentos de atividade para explorar as camadas mais profundas , **sendo feitos os necessários estudos e investigações por verdadeiros peritos científicos só com o auxílio de poderosos instrumentos e aparelhos podem ser explorados os ricos tesouros do sub-solo.**” (grifos nossos) <sup>13</sup>

O aperfeiçoamento das indústrias seria feito através da inserção de grandes companhias, provavelmente estrangeiras, que explorariam de forma “adequada” o solo baiano.

---

<sup>12</sup> Revista do IGHB nº5, p 338,339.

<sup>13</sup> PRAGUER, Henrique; Revista do IGHB, nº13 p 423.

A quantidade de matérias que versam sobre as riquezas minerais do Estado e que propõem o desenvolvimento da malha ferroviária bem como das indústrias para melhor explorá-las, deixa transparecer o empenho dos intelectuais baianos em mostrar que no início da república, a Bahia estava apta a compactuar com São Paulo de todos os princípios do desenvolvimento seja ele econômico ou cultural, bastava o governo local investir em medidas que possibilitassem as transformações.

Longe de ser apenas um local destinado a resgatar e organizar a história da Bahia, o Instituto Geográfico e Histórico do Estado na figura dos seus sócios, assumiu o papel de desenvolver e civilizar a Bahia seguindo os modelos utilizados no final do século XIX.

Junto com biografias de homens ilustres e aspectos da história da Bahia, uma matéria denominada “noticiários” trazia para os letrados da Bahia as curiosidades e as descobertas científicas de toda parte do mundo. O diálogo entre baianos e cientistas alemães, italianos, franceses anunciava a necessidade de aproximação com o fluxo cultural europeu mais ao mesmo tempo indicava a autenticidade uma vez que os autores, cientistas ou literatos sentiam-se a vontade para discutir e criticar nas páginas da revista as teorias européias. Fato constatado nas minuciosas descrições geológicas feitas por baianos que escreviam com o rebuscamento e a propriedade digna de especialistas europeus.

Seguindo os padrões vigentes no Brasil do início da república, os cientistas e literatos da Bahia, assim como de São Paulo ou Rio de Janeiro, acreditavam serem únicos na tarefa de revelar para o país um mundo novo. Usando uma expressão de Nicolau Sevcenko, os intelectuais brasileiros e neste caso específico, os baianos, se percebiam como “mosqueteiros intelectuais”<sup>14</sup> insubstituíveis na tarefa de aproximar o Brasil com o progresso, ou seja, com o modelo de desenvolvimento da Europa. No caso baiano, tal perspectiva está assinalada pelos sócios do instituto nas primeiras páginas da revista publicada pela instituição;

---

<sup>14</sup> SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão. p78.

**Assistimos, nós outros, a este admirável período de florescência científica, e somos por outro lado parte da renovação social, que dimana das novas idéias, e que transforma as nossas instituições, entrando n'alma e no coração brasileiro**<sup>15</sup>.(Grifos nossos)

A percepção de uma intrínseca relação entre desenvolvimento cultural e crescimento material, fez com que os intelectuais baianos, sendo eles cientistas ou literatos, apostassem no desenvolvimento da cultura e do conhecimento como forma de modificar a situação econômica desfavorável que passava o Estado em finais do XIX e primeiras décadas do século XX.

---

<sup>15</sup> Revista do IGHB, nº1, pg4, maio de 1894.